

O COMPLEXO COUREIRO- CALÇADISTA BRASILEIRO

Abidack Raposo Corrêa*

** Assistente técnico da Gerência Setorial de Bens de Consumo
Não-Duráveis do BNDES.
O autor agradece a colaboração dos estagiários Cláudio Vicente di Gioia
Ferreira Silva e Flávia Menna Barreto Alexim.*

COURO E CALÇADOS

Resumo

Este artigo apresenta o panorama do complexo coureiro-calçadista brasileiro, a partir da análise dos setores calçadista, coureiro, de componentes para couro e calçados, de máquinas para couro e calçados e de artefatos de couro, assim como suas perspectivas e principais problemas.

Serão apresentadas as principais características de cada setor, tendo por base a análise dos mercados interno e externo, da distribuição geográfica da produção, da realocação da indústria calçadista brasileira e dos problemas causados ao meio ambiente.

Introdução

A cadeia coureiro-calçadista é de extrema importância na economia brasileira, não só pelo volume de exportações, mas também pela geração de empregos¹ (em torno de 550 mil). Os problemas atualmente enfrentados, além de terem uma dimensão relacionada à estrutura de custo e ao acesso à tecnologia (dimensão estrutural), são também de ordem conjuntural, estando associados ao processo de abertura da economia brasileira e aos demais aspectos macroeconômicos. O setor, que foi protegido durante muito tempo, vem se defrontando desde o início do Plano Real com um novo concorrente: o produto importado, principalmente oriundo dos países asiáticos. Paralelamente, a competitividade externa dos produtos nacionais também sofreu grande deterioração devido ao câmbio.

Essa cadeia produtiva é constituída por aproximadamente 450 curtumes, seis mil empresas de calçados, 110 fabricantes de máquinas e equipamentos, 1.100 produtores de componentes para calçados e 2.300 empresas fabricantes de artefatos de couro.

Historicamente, no Brasil, o setor iniciou suas atividades no século 19 no Rio Grande do Sul, com o surgimento e o fortalecimento de muitos curtumes implantados por imigrantes alemães e italianos que aproveitaram a grande disponibilidade de peles vacuns, oriundas inicialmente das charqueadas e, mais tarde, dos frigoríficos. O processo de curtimento, que começou de maneira rudimentar, aperfeiçoou-se graças ao aporte de tecnologia e equipamentos da Europa, permitindo após o fim da I Grande Guerra o início da exportação de couros [ONU/Cepal (1991)]. A maior concentração de curtumes ocorreu na conhecida região do Vale dos Sinos (RS). Outra região que se destacou com a atividade curtidora foi a cidade de Franca (SP) a 400 km ao norte da capital São Paulo.

Antes do final da década de 1860, a produção de calçados era desenvolvida por uma indústria local em pequena escala, principalmente por artesãos [Suzigan (1986)]. De acordo com esse autor, existem vários indícios de que a produção em fábricas teria se iniciado na primeira metade da década de 1870. Esse movimento foi impulsionado pela introdução da máquina de costura. Todavia, a indústria calçadista nacional ainda continuou a apresentar fortes características artesanais.

O primeiro período de dinamismo tecnológico na indústria (1860/1920) foi proporcionado pela introdução de avanços tecnológicos oriundos da Europa no final do século 19. “Esta introdução

¹Correspondem a empregos diretos na indústria de calçados, curtumes, fabricantes de máquinas e equipamentos, componentes e artigos de couro.

transformou o sistema artesanal de produção em atividade fabril" [Cruz (1976)].

Após esse período, o setor passou por uma fase de relativa estagnação (1920/60), acompanhada da regionalização da produção e da queda na introdução de novas técnicas e aquisição de máquinas mais modernas. Até mesmo as grandes empresas da época encontraram dificuldades para se expandir e acompanhar as novidades tecnológicas existentes. Apesar disso, foi com a I Grande Guerra que o movimento de exportação da indústria de calçados teve início, ganhando força na II Guerra Mundial, devido ao fornecimento de coturnos para os exércitos brasileiro e venezuelano.

O terceiro período do setor também foi marcado pelo dinamismo, estando relacionado ao comércio de calçados com os Estados Unidos. Esse movimento se iniciou no fim da década de 60, apoiado no *cluster*² industrial já existente no Vale dos Sinos e em menor escala em Franca. O Vale dos Sinos se especializara em calçados femininos de couro, enquanto Franca se destacava pelos calçados masculinos. Nesse período, a ação coletiva das então pequenas empresas na identificação de mercados externos e os incentivos à exportação introduzidos pelo governo foram fundamentais para o *boom* exportador. Desde essa época, o BNDES já financiava o investimento fixo dessa indústria, cabendo destacar a atuação do BRDE na região, permitindo que os produtores respondessem às exigências dos importadores de lotes maiores e atendessem às expectativas quanto ao padrão de produto.

Na década de 70, o calçado brasileiro passou a ter expressiva importância na pauta de exportações nacionais. Com esse desenvolvimento, os setores de máquinas, equipamentos, artefatos e componentes se implantaram no Rio Grande do Sul, contribuindo para o avanço tecnológico do setor coureiro-calçadista.

Ainda dentro do terceiro período, a década de 80 foi marcada pela introdução de técnicas organizacionais, tais como controle de qualidade, planejamento e controle da produção, e por técnicas produtivas (processo de produção, novas tecnologias e equipamentos informatizados).

Segundo pesquisa realizada por Reis (1994), o grande avanço tecnológico do setor verificou-se na área de máquinas para produção de calçados esportivos, sendo que na área de calçados de couro não foram verificadas alterações relevantes na década de 80.

O quarto período teve início na década de 90, quando muitas fábricas de calçados se instalaram na região Nordeste. De acordo com o relatório *Levantamento de oportunidades, intenções e decisões de investimento industrial no Brasil – 1997/2000*, do MICT

²"Clusters são concentrações geográficas de empresas e instituições inter-relacionadas num setor específico. Os clusters englobam uma gama de empresas e outras entidades importantes para a competição, incluindo, por exemplo, fornecedores de insumos sofisticados, tais como componentes, maquinário, serviços e fornecedores de infra-estrutura especializada. Os clusters, muitas vezes, também se estendem na cadeia produtiva até os consumidores e lateralmente até as manufaturas de produtos complementares e na direção de empresas com semelhantes habilidades, tecnologia, ou de mesmos insumos. Finalmente, muitos clusters incluem órgãos governamentais e outras instituições, tais como universidades, agências de padronização, think tanks, escolas técnicas e associações de classe, que promovem treinamento, educação, informação, pesquisa e suporte técnico" (*Clusters and the new economics of competition*, Harvard Business Review, p. 78, Nov.-Dec. 1998).

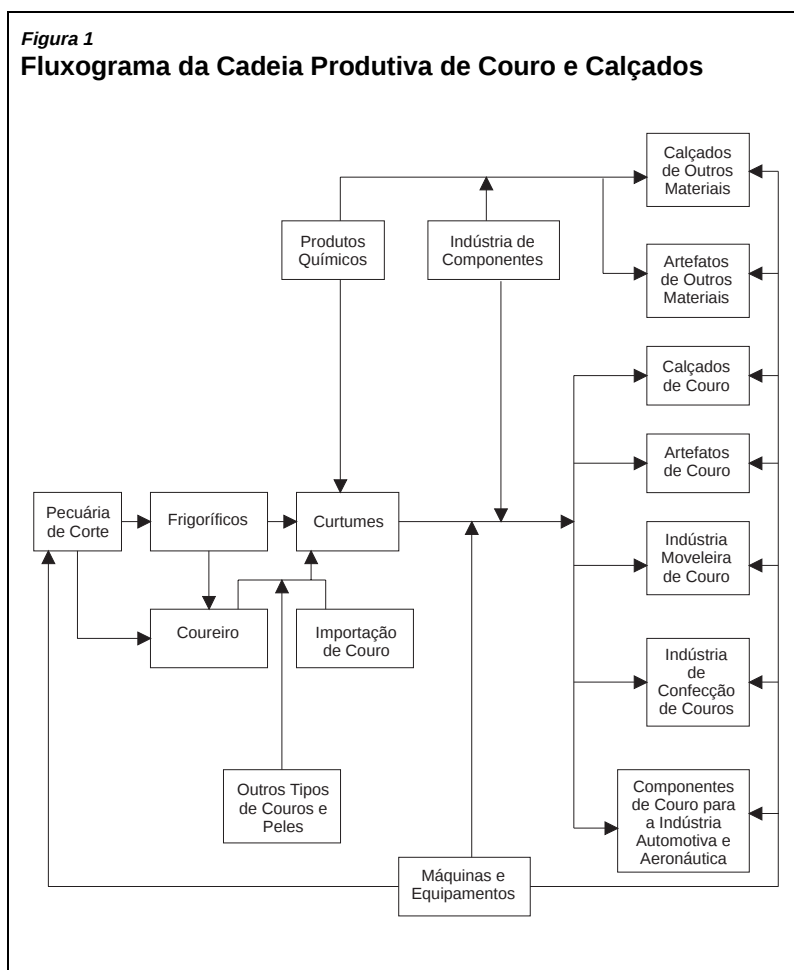
(1998), estavam previstos mais de US\$ 500 milhões em investimentos na cadeia de produção de calçados nordestina para o período 1996/2004.

Nessa década, mudaram as condições de produção e concorrência na cadeia produtiva de calçados. As empresas calçadistas do Sul e do Sudeste foram se deslocando para o Nordeste à procura de mão-de-obra mais barata, incentivos dos governos estaduais e, em alguns casos, buscando adequar-se à produção voltada para o mercado externo, pois a pressão da concorrência obrigou o calçadista brasileiro, além de outras providências, a reduzir custos de produção e transporte. O Nordeste possui uma vantagem quando se lembra desse aspecto, devido à sua localização privilegiada em relação aos Estados Unidos, nosso principal importador.

Apesar de a cadeia produtiva incluir a pecuária de corte e os frigoríficos, conforme mostra a Figura 1, neste trabalho vamos enfocar somente os setores de calçados, couro, componentes, máquinas e artefatos de couro.

Figura 1

Fluxograma da Cadeia Produtiva de Couro e Calçados



Diante do exposto, a elaboração deste trabalho tem por objetivo mostrar a evolução e a situação atual, bem como as perspectivas, do complexo coureiro-calçadista brasileiro.

A primeira seção apresenta a indústria calçadista com suas características, os mercados interno e externo, a localização geográfica e os principais pólos produtores e a migração de empresas calçadistas para o Nordeste brasileiro.

As matérias-primas utilizadas na fabricação do calçado, seus componentes e as diversas etapas do processo de produção já foram abordados em estudo recente sobre o panorama da indústria mundial de calçados [Corrêa e Andrade (2001)].

A segunda seção mostra o setor coureiro com suas características, processo de produção, mercados interno e externo e principais estados produtores.

Na terceira seção veremos o setor de componentes para couro e calçados, na quarta seção o setor de máquinas e equipamentos para couro e calçados e na quinta seção os fabricantes de artefatos de couro.

Nas últimas quatro seções, respectivamente, faremos alguns comentários sobre o complexo coureiro-calçadista e o meio ambiente, o relacionamento com o Sistema BNDES e a perspectiva dos setores. E, por fim, apresentaremos algumas considerações importantes para o complexo.

O Setor Calçadista

Características Gerais

O setor calçadista nacional é composto por aproximadamente seis mil empresas que geram 210 mil empregos. Apresenta capacidade instalada estimada em 600 milhões de pares/ano, sendo 70% destinados ao mercado interno e 30% à exportação, e faturamento de US\$ 8 bilhões/ano. Com esses números, o Brasil se coloca como o terceiro maior produtor mundial de calçados, com 4,7% de participação na produção total, que em 1998 foi de 10.979 milhões de pares.

Apesar da presença de empresas calçadistas em quase todos os estados brasileiros, destacam-se Rio Grande do Sul, São Paulo e atualmente alguns estados do Nordeste, em especial o Ceará.

A distribuição regional da produção calçadista será apresentada no item “A Distribuição Regional da Produção de Calçados” (p. 73).

Mercado

Em 2000 o Brasil produziu 580 milhões de pares de calçados, apresentando um crescimento de 16% em relação a 1999. Esse aumento de produção foi estimulado pelo crescimento de 17% no volume exportado, devido à desvalorização do real em relação ao dólar americano, e de 16% no consumo interno, em consequência da queda dos preços e do maior acesso ao crédito (Gráfico 1).

Entre 1993 e 1999 a produção teve queda de 5%, enquanto no mesmo período a produção mundial cresceu cerca de 10%. Todavia, como mencionado anteriormente, em 2000 houve uma boa recuperação. Da análise do período 1993/2000, verifica-se que o crescimento foi de 10%.

De 1993 a 2000 o consumo de calçados no Brasil cresceu 31%, enquanto o consumo *per capita* apresentou queda sistemática, e no período caiu 13%, embora tenha havido no último ano uma relativa recuperação, chegando em 2000 a 2,6 pares/habitantes/ano (Gráfico 2), mesmo patamar de 1998.

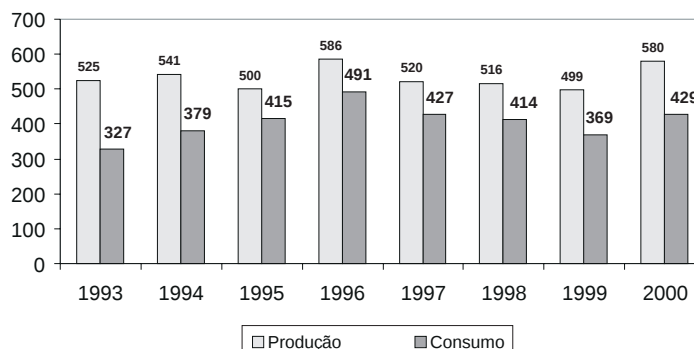
Em 2000 o Brasil exportou 163 milhões de pares de calçados, ou seja, 28% da produção daquele ano. Do total exportado, 61% foram destinados aos Estados Unidos. As importações foram de apenas nove milhões de pares, correspondentes a 2% do consumo brasileiro de calçados (Gráfico 3).

Apesar de o saldo comercial observado na década de 90 ser positivo, as exportações brasileiras de calçados sofreram queda de 31% entre 1993 e 1999. É importante observar que em 1999 houve uma pequena recuperação em relação a 1998, ou seja, um crescimento de 6%. Em 2000 exportamos 17% a mais que em 1999, e a diferença em relação a 1993 diminuiu para 19%. Esse cenário

Gráfico 1

Produção e Consumo Aparente de Calçados Brasileiros – 1993/2000

(Em Milhões de Pares)

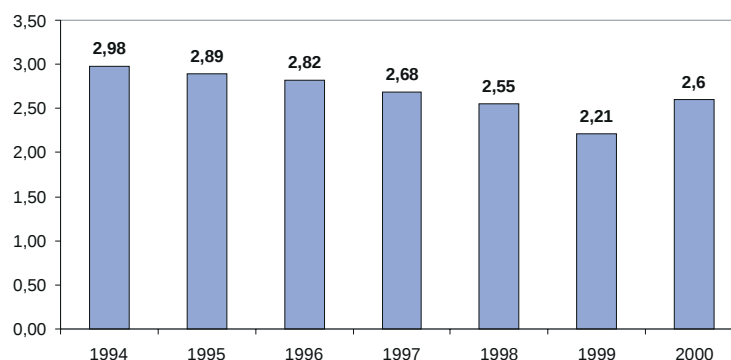


Fonte: Abicalçados.

Gráfico 2

Consumo Per Capita de Calçados no Brasil – 1994/2000

(Em Pares/Habitantes/Ano)



Fonte: Abicalçados.

Tabela 1

Destino das Exportações Brasileiras de Calçados em 2000

PAÍS	US\$ MILHÕES	%	MILHÕES DE PARES	PREÇO MÉDIO (US\$)
Estados Unidos	1.079	70,0	99	10,90
Argentina	123	8,0	19	6,50
Reino Unido	100	6,5	7	14,00
Canadá	34	2,0	3,5	9,71
Paraguai	21	1,3	8,4	2,50
Chile	21	1,3	2,3	9,13
Bolívia	18	1,0	3	6,00
Uruguai	13	0,8	1,8	7,22
Alemanha	12	0,7	1,4	8,60
Austrália	12	0,7	1,3	9,23
Venezuela	12	0,7	1,8	6,67
México	9	0,6	1,4	6,43
Outros	96	6,0	12,6	7,62
Total	1.550	100	162,5	9,54

Fonte: Secex.

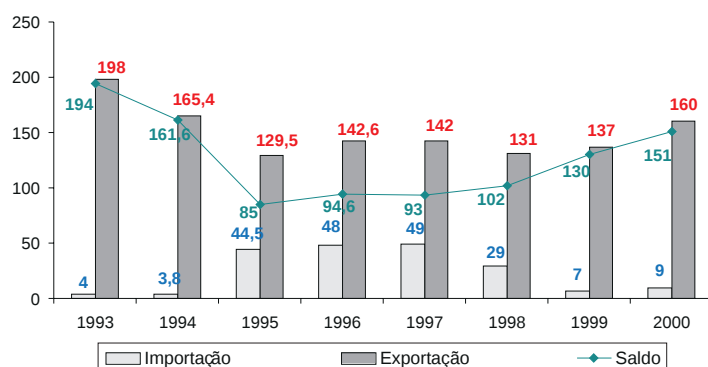
favorável está ligado, entre outros fatores, à valorização do dólar americano diante do real.

Já as importações tiveram aumento de 75% no mesmo período, o que é insignificante em valor absoluto. Nos primeiros anos após o Plano Real esse aumento chegou a ser considerável, crescendo 1.071% de 1994 para 1995. Entre 1995 e 1997 o crescimento foi de 10%, tendo uma queda de 41% em 1998 e de 69% em 2000.

Gráfico 3

Importações e Exportações Brasileiras de Calçados – 1993/2000

(Em Milhões de Pares)



Fonte: Abicalçados.

Da mesma forma como aconteceu com as exportações, o câmbio foi o principal responsável por esse movimento entre 1995 e 1998.

Como mencionado, apesar da presença de empresas calçadistas em quase todos os estados brasileiros, a produção de calçados é caracterizada pela concentração em certas regiões que se especializaram na fabricação de determinados produtos.

A Distribuição Regional da Produção de Calçados

O Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é o maior pólo produtor de calçados do Brasil e também está entre os maiores do mundo, com cerca de mil fábricas de calçados. É responsável por aproximadamente 40% da produção nacional e 75% das exportações totais.

Existe uma grande concentração de empresas que formam um dos maiores *clusters* de calçados do mundo, especializado em calçados femininos. Além da localização das maiores empresas produtoras de calçados do Brasil e do mundo, como a Azaléia e a Paquetá, a região concentra cerca de 80% dos produtores de máquinas para a fabricação de calçados e 60% dos fornecedores de componentes. Cabe ressaltar que no Vale dos Sinos existem instituições de ensino voltadas para a formação de mão-de-obra especializada para as indústrias de calçados, podendo-se destacar o Senai e a Unisinos. O Centro Tecnológico do Couro, Calçados e Afins (CTCCA) é a instituição responsável pelas pesquisas e também pelo ensino tecnológico.

A cidade de Franca, no Estado de São Paulo, é o segundo maior produtor de calçados do país, com 360 fábricas. Essas empre-

sas dedicam-se principalmente à fabricação de calçados de couro para o público masculino e são responsáveis por 6% da produção nacional e 3% das exportações totais. O pólo calçadista de Franca possui toda a estrutura produtiva de um *cluster*. Além das fábricas de calçados, a cidade conta também com produtores de insumos, como solados, adesivos, curtumes, matrizarias, máquinas e equipamentos, agentes de mercado interno e externo e, sobretudo, com instituições que procuram desenvolver e difundir inovações tecnológicas e gerenciais como IPT, Senai, Sebrae e universidades.

O pólo de Birigui, também no Estado de São Paulo, é conhecido como a capital nacional do calçado infantil. Concentra cerca de 180 empresas que produzem aproximadamente 7% dos calçados brasileiros e são responsáveis por 2,5% das exportações totais.

A cidade de Jaú (São Paulo) é um importante pólo produtor de calçados femininos em couro, constituído por 150 empresas que respondam por 2% da produção nacional e menos de 0,5% das exportações totais.

A indústria de calçados de Santa Catarina está concentrada na cidade de São João Batista e é especializada em calçados para o público feminino. As 120 empresas fabricam cerca de 1% da produção nacional de calçados.

O setor calçadista de Minas Gerais é composto por aproximadamente 1.500 empresas. Os destaques são as cidades de Belo Horizonte, especializada na produção de calçados femininos, e Nova Serrana, que produz especialmente tênis e chinelos em material sintético. O pólo de Nova Serrana congrega 730 empresas, responsáveis por 10% da produção nacional de calçados.

Tabela 2
Exportações Brasileiras de Calçados por Unidade da Federação em 2000

ESTADO	US\$ MILHÕES	%	MILHÕES DE PARES	PREÇO MÉDIO
Rio Grande do Sul	1.292,0	83,5	121,0	10,7
São Paulo	135,0	8,7	15,0	9,0
Ceará	81,0	5,2	18,0	4,5
Santa Catarina	6,0	0,4	1,0	6,0
Paraíba	17,0	1,1	3,0	5,7
Minas Gerais	6,0	0,4	1,0	6,0
Subtotal	1.537,0	99,3	159,0	9,7
Outros	13,0	0,7	4,0	3,25
Total	1.550,0	100,0	163,0	9,5

Fonte: Secex.

O pólo calçadista do Nordeste ganhou mais força a partir do início da década de 90 com a migração de grandes empresas calçadistas do Sul e do Sudeste para essa região. A produção atual de calçados na região Nordeste ainda é desconhecida. Todavia, as exportações de calçados nordestinas, em 2000, corresponderam a 14% do total de calçados exportados pelo Brasil. Pode-se destacar o Estado do Ceará, com uma participação de 78% no total de calçados exportados pelo Nordeste e 11% no total do Brasil, colocando-o como o terceiro maior exportador brasileiro de calçados. Apesar da pequena produção, outros estados como Paraíba, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Norte vêm aumentando sua participação no mercado.

Durante quase toda a década de 90, muitas fábricas de calçados se instalaram na região Nordeste. De acordo com o citado relatório do MICT, são previstos mais de US\$ 500 milhões em investimentos na cadeia de produção de calçados nordestina para o período 1996/2004.

A Migração de Empresas Calçadistas para a Região Nordeste

De fato, ao longo da década mudaram as condições de produção e concorrência na cadeia produtiva de calçados. As empresas calçadistas do Sul e do Sudeste foram se deslocando para o Nordeste à procura de mão-de-obra mais barata, incentivos dos governos estaduais e, em alguns casos, buscando aproximar a produção do mercado externo, pois a pressão da concorrência obrigou o calçadista brasileiro, além de outras providências, a reduzir custos de produção e transporte. O Nordeste possui uma vantagem quanto a esse aspecto, devido à sua localização privilegiada em relação aos Estados Unidos, nosso principal importador.

Todavia, o processo de realocização e desconcentração da indústria calçadista brasileira depende de algumas variáveis que assegurem a sua manutenção.

Uma das questões a ser resolvida é a da continuidade dos investimentos, pois ainda existem obstáculos para a implantação de empresas de pequeno porte, bem como uma carência muito grande de fornecedores de insumos e componentes. Cabe ressaltar que o governo do Estado do Ceará criou uma agência para identificar a necessidade de investimentos no segmento de matéria-prima e componentes para calçados e começou um processo de atração dessas empresas.

Outro ponto importante diz respeito à pretensão ou não da formação de aglomerações industriais por parte dos governos locais.

O deslocamento em massa para o Nordeste e a localização das empresas nessa região de forma relativamente dispersa, seguin-

do novos incentivos fiscais e evitando as aglomerações, principalmente no Estado do Ceará, mostram claramente que o governo pretende desenvolver algumas cidades com carência de postos de trabalho e assim criar uma renda familiar em pequenos municípios.

A maioria dos investimentos feitos no setor de calçados nordestino tem sido reservada, principalmente, aos Estados do Ceará, Bahia e Paraíba; no entanto, o Estado de Pernambuco vem atraindo também alguns desses investimentos.

Esses investimentos foram pulverizados em diversos municípios, empregando mão-de-obra local mais barata, mantendo baixos custos e evitando interferência de sindicatos, o que não impediu, todavia, que se formassem concentrações em algumas áreas geográficas desses estados.

No Ceará, algumas áreas se destacam, pois têm recebido grandes investimentos. Primeiro, a região metropolitana de Fortaleza, onde, além da capital, outras cidades sobressaem: Caucaia, Horizonte, Maranguape e Cascavel. Na cidade de Cascavel, é importante lembrar a presença, desde 1998, do Curtume Bermas, do Grupo Bertin, que exporta 100% da produção, desde couro acabado até grupos estofados prontos. As outras áreas compreendem as cidades de Sobral e Crato e a região do Cariri. Na cidade de Sobral, o desenvolvimento da atividade calçadista ganhou maior expressão a partir de 1993 com a instalação da Grendene. Cabe ressaltar o efeito em cadeia provocado pela presença da Grendene nas cidades de Sobral e Crato, gerando respectivamente 9.700 e 2.600 empregos diretos. Na região do Cariri o destaque é a cidade de Juazeiro do Norte, que, além de ser um pólo de produção bastante dinâmico e relativamente consolidado no contexto estadual, é a área de maior concentração de micro e pequenas empresas calçadistas do Estado do Ceará.

Na Bahia, duas grandes áreas sobressaem. A primeira que recebeu grandes investimentos foi o sudoeste do estado, que compreende os municípios de Ipaú, Itabuna, Itapetinga, Jequié e Vitória da Conquista. A Azaléia, maior empresa de calçados do Brasil, instalou em 1998 um complexo industrial para a fabricação de calçados femininos e esportivos no município de Itapetinga. Além disso, o governo estadual construiu vários galpões em municípios vizinhos, cabendo à Azaléia os investimentos em máquinas. Com capacidade instalada para produzir 50 mil pares/dia, o complexo industrial é integrado por 15 pavilhões destinados às operações industriais e aos demais serviços auxiliares. Esse projeto tem previsão de gerar 4.418 empregos diretos e 2.774 indiretos.

Além do sudoeste baiano, existem também investimentos em municípios da região do Vale do Paraguaçu e da região metro-

politana de Salvador, como Feira de Santana, Alagoinhas, Itaberaba, Santo Antônio de Jesus e Serrinha.

Na Paraíba, as maiores concentrações estão nos municípios de Campina Grande, Santa Rita e João Pessoa e, em Pernambuco, na cidade de Caruaru.

No Brasil, a indústria de couro é constituída por aproximadamente 450 curtumes, sendo que cerca de 80% são considerados pequenas empresas. O setor gera 65 mil empregos diretos e o faturamento é estimado em US\$ 2 bilhões/ano. De acordo com a RAIS-MTE, apenas 27.821 empregos são formais, ou seja, registrados. Todavia, esse número não inclui os trabalhadores autônomos, os trabalhadores informais e os empregados em frigoríficos, que têm o setor de curtimento integrado na própria unidade.

É importante ressaltar que existem vários curtumes artesanais sem qualquer registro formal, com a produção voltada principalmente para os mercados regionais de calçados rústicos e artesanais.

Basicamente, os curtumes podem ser caracterizados de acordo com sua etapa de processamento do couro:

- o curtume de *wet blue* desenvolve somente o processamento de couro cru em *wet blue*;
- o curtume integrado³ realiza todas as operações, processando desde o couro cru até o couro acabado;
- o curtume acabado usa como matéria-prima o couro *wet blue* e o transforma em couro *crust* (semi-acabado) e em couro acabado; e
- o curtume de acabamento apenas transforma o couro *crust* em couro acabado.

O couro está presente em vários setores: esportes, vestuário, indústria automobilística, mobiliário, indústria do lazer, calçado e setor rural. Todavia, a sua utilização sofre alterações conforme a época. Na década de 80, 70% do couro eram utilizados pela indústria de calçados, ficando os 30% restantes para artefatos, vestuário, estofamentos e outros produtos. Já na década de 90, apenas 45% do couro eram utilizados pelos calçadistas, 35% nos estofamentos e 20% nos artefatos, vestuário e outros produtos.

Na Tabela 3 apresentam-se alguns dos principais defeitos que afetam a qualidade do couro e da carne; estes ocorrem desde o nascimento até a chegada do animal para o abate.

O Setor Coureiro

Características Gerais

³Processa couro *wet blue*, couro semi-acabado e couro acabado.

Figura 2

Fluxograma do Beneficiamento do Couro no Curtume

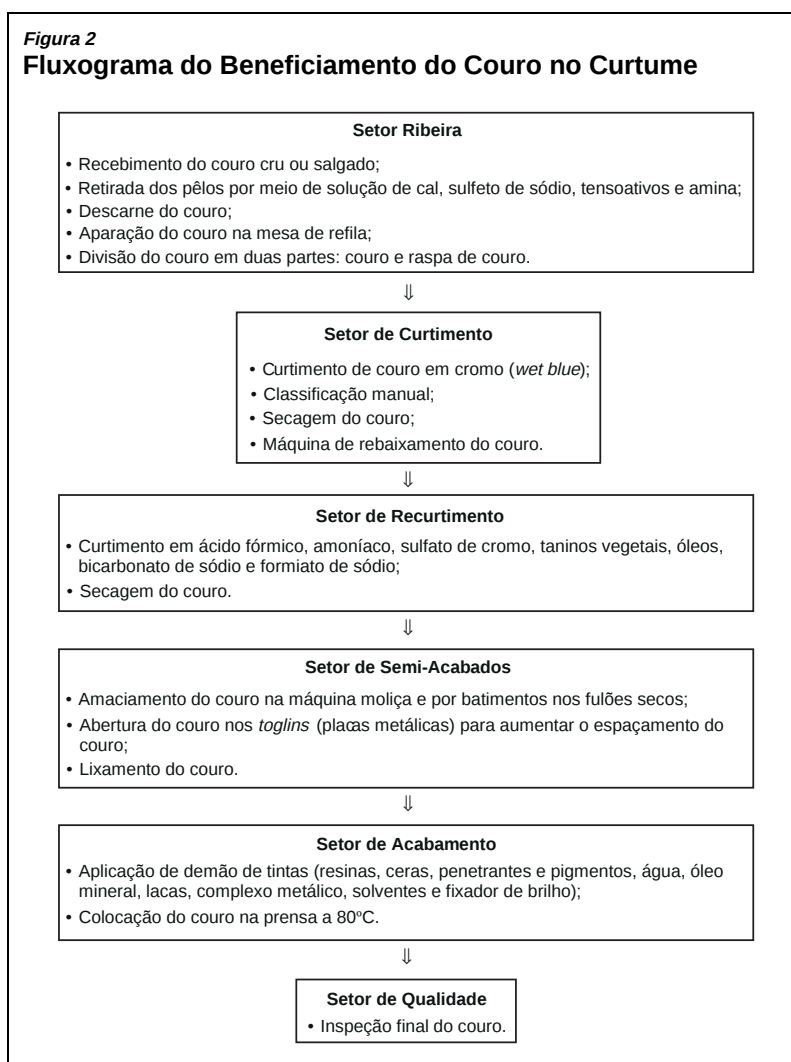


Tabela 3

Problemas e Consequências no Couro

PROBLEMAS NATURAIS	AGRESSÕES DO HOMEM
Carrapatos, bernes, riscos de espinhos, cicatrizes de sarna	Marca de fogo, riscos e cicatrizes provocados por currais, cercas e carrocerias de caminhão
DEFEITOS	CONSEQUÊNCIAS
Carrapatos, bernes, sarna etc.	Couro mais sujo e menor conversão da alimentação do boi em carne
Marcas de fogo	É uma agressão ao animal e ao couro, resultando em estresse, levando à perda de peso e do valor do couro
Riscos de arame, galhos ou parafusos, cicatrizes de curral, carrocerias e furos de ferrões	Ferimentos trazem perda de peso no animal e provocam perda de área e de valor do couro

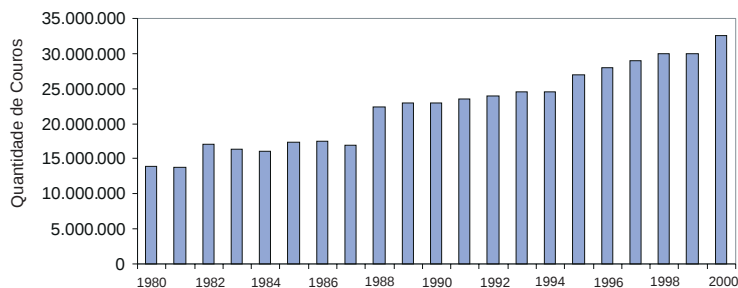
Fonte: C/ICB.

Mercado

A produção brasileira de couros em 2000 foi de aproximadamente 32,5 milhões de peles, um aumento de 8% em relação a 1999 (Gráfico 4), tendência que vem se confirmando nos últimos anos, pois em 1980 a produção foi de 13,9 milhões de peles, crescendo cerca de 133% entre 1980 e 2000. Atualmente, o Brasil detém aproximadamente 12% do mercado mundial de couros, que é da ordem de 270 milhões de peles ao ano.

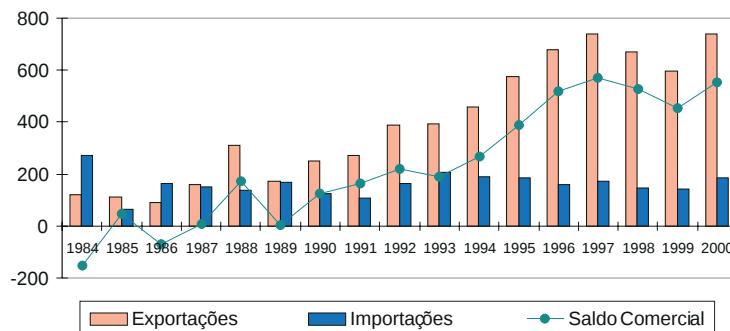
As exportações brasileiras de couro em 2000 atingiram US\$ 739 milhões e as importações US\$ 184 milhões, com saldo positivo de US\$ 555 milhões. No Gráfico 5 pode-se observar que, em relação ao valor, as exportações brasileiras tiveram um incremento de 506% entre 1984 e 2000, sendo que cerca de 58% desse valor correspondem às exportações de couro *wet blue*. O volume exportado foi de 14,5 milhões de couros, sendo 10,4 milhões de *wet blue* e 4,1 milhões de couro *crust* e acabado.

Gráfico 4
Produção Brasileira de Couro Cru – 1980/2000



Fonte: CICB.

Gráfico 5
Balança Comercial Brasileira da Indústria do Couro – 1984/2000
(Em US\$ Milhões)



Fontes: Secex e CICB.

As exportações de couro *wet blue* vêm apresentando crescimento nos últimos anos, o que significa exportar um produto de menor valor agregado. Em relação ao aspecto ambiental, é importante ressaltar que a produção de couro até o estágio *wet blue* produz 85% do resíduo ambiental da cadeia produtiva, enquanto a transformação de couro *wet blue* em calçado produz os restantes 15%.

A Distribuição Regional da Produção de Couro

A Tabela 4 mostra que a produção brasileira de couro está concentrada nas regiões Sul e Sudeste, que, juntas, são responsáveis por cerca de 72% do total de couros.

Cabe ressaltar que os principais estados produtores são Rio Grande do Sul com 23,5%, São Paulo com 23%, Paraná com 12% e Minas Gerais com 10%.

Em relação ao número de curtumes, as regiões Sul e Sudeste também lideram o *ranking*, concentrando, juntas, 78% do total de estabelecimentos curtidores (Gráfico 6). Destacam-se Rio Grande do Sul com 34%, São Paulo com 21%, Minas Gerais com 11,5% e Paraná com 7%.

Tabela 4

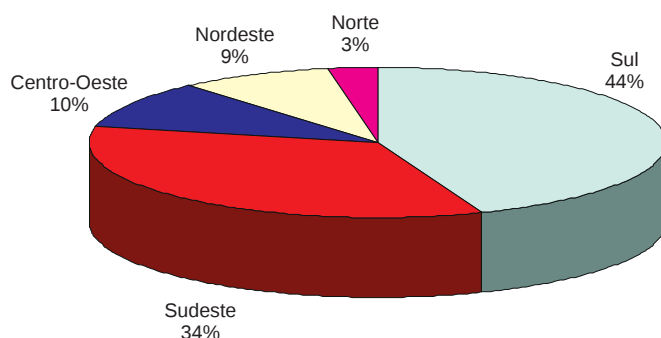
Produção de Couro por Região em 2000

REGIÃO	QUANTIDADE DE COUROS	PARTICIPAÇÃO (%)
Sul	12.385.750	38,11
Sudeste	11.027.250	33,93
Centro-Oeste	4.920.500	15,14
Nordeste	3.562.000	10,96
Norte	604.500	1,86
Total	32.500.000	100,00

Fontes: CNPC, IBGE e Aicsul.

Gráfico 6

Participação do Número de Estabelecimentos Curtidores por Região



Fonte: RAIS-MTE.

O segmento brasileiro de componentes para couro e calçados é composto por aproximadamente 1.100 empresas, subdivididas em nove segmentos, conforme classificação da Associação Brasileira de Indústrias de Componentes para Couro e Calçados (Assintecal): têxteis, metais e acessórios, fôrmas e matrizes, solados, produtos químicos para couro, palmilhas, produtos químicos para calçados, outros acessórios e não-tecidos. Nesse setor, há uma predominância de micro e pequenas empresas, ou seja, cerca de 80%, que geram em média 100 empregos diretos.

O Setor de Componentes

Características Gerais

Em 2000 o setor faturou R\$ 5,5 bilhões, sendo que 92% corresponderam às vendas internas. Os 8% restantes foram provenientes das exportações para mais de 70 países, incluindo o mercado asiático. Todavia, o setor também é um grande importador de insumos, o que torna os saldos comerciais negativos (Tabela 5). O desempenho recente, após a desvalorização cambial, indica uma melhora no déficit comercial, decorrente da queda das importações em 1999 e da elevação das exportações em 2000.

Mercado

A demanda doméstica pelos componentes para couro e calçados depende diretamente do perfil da produção desses produtos. De acordo com a dinâmica de cada segmento de consumo (masculino, feminino, infantil, esportivo), altera-se a demanda por componentes.

Tabela 5

Exportações e Importações de Componentes para Couro e Calçados – 1998/2000

(Em US\$ Milhões)

ANO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	SALDO
1998	780	440	(340)
1999	698	433	(265)
2000	738	474	(264)

Fonte: Secex.

A distribuição geográfica do setor junto a empresas calçadistas permitiu a redução de custos logísticos e o compartilhamento de materiais, além de facilitar a difusão de informações técnicas e negociais.

Distribuição Regional dos Produtores de Componentes

O Estado do Rio Grande do Sul concentra mais da metade das empresas do setor, devido à proximidade com o maior pólo calçadista brasileiro: a região do Vale dos Sinos. No estado estão cerca de 570 empresas, ou seja, 52% do total. O Estado de São Paulo

aparece na segunda posição com 215 empresas, 20% do total, em virtude, também, da proximidade dos pólos calçadistas de Franca e Birigui. A Bahia aparece na terceira posição com 10% do total das empresas.

Atualmente, verifica-se a instalação de algumas indústrias de componentes para couro e calçados na região Nordeste, devido à migração de empresas calçadistas para esta região. Todavia, o deslocamento dessas empresas não foi simultâneo ao das empresas calçadistas, levando algumas grandes empresas fabricantes de calçados a integrarem verticalmente a produção de alguns componentes em suas novas indústrias no Nordeste.

O Setor de Máquinas e Equipamentos

Características Gerais

A indústria de máquinas e equipamentos para couro, calçados e afins é composta por cerca de 110 empresas, em sua maioria de pequeno e médio portes. Em geral são empresas tradicionais e com mais de 50 anos de fundação. O perfil da produção é distinto conforme o segmento a que se destina.

Mercado

A crise do setor coureiro-calçadista, no período de abertura do mercado e de valorização cambial, conduziu a indústria de máquinas e equipamentos, em meados da década de 90, a uma intensa reestruturação. Nesse processo, algumas empresas foram fechadas, outras se associaram ou otimizaram sua produção mediante terceirização de algumas etapas e, conseqüentemente, reduziram postos de trabalho.

O desempenho do comércio exterior do setor é desfavorável, apresentando déficit nos três últimos anos. Todavia, é importante ressaltar a redução desse déficit em 2000, em razão da redução das importações e do aumento das exportações, conforme a Tabela 6.

Tabela 6
Exportações e Importações de Máquinas e Equipamentos para Couro, Calçados e Afins – 1998/2000
(Em US\$ Milhões)

ANO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	SALDO
1998	17,5	2,8	(14,7)
1999	20,5	1,8	(18,7)
2000	15,1	3,3	(11,8)

Fonte: Secex.

Essa indústria é geograficamente concentrada, pois 80% das empresas estão localizados no Rio Grande do Sul, especialmente na região do Vale dos Sinos. As demais empresas estão situadas nos Estados de Santa Catarina e São Paulo.

Distribuição Regional dos Produtores de Máquinas

No Brasil, o setor de artefatos de couro (artigos de viagem, vestuário, luvas, cintos e acessórios) ocupa a posição final na cadeia produtiva de couro e derivados, sendo composta, segundo dados da RAIS-MTE, por 2.300 estabelecimentos que geram cerca de 25 mil empregos formais. Aproximadamente 70% são gerados pelas micro e pequenas empresas. Apesar de existirem grandes empresas no setor, há forte predominância de microempresas, que correspondem a 88%.

O Setor de Artefatos de Couro

Características Gerais

Entre as tendências de mercado que envolvem o setor de couro e derivados, a mais evidente é o crescimento de materiais substitutos. Essa tendência é mais fortemente observada no segmento de artigos de couro do que no segmento de calçados, no qual as características técnicas e estéticas do couro mostram-se mais fundamentais.

O desempenho do setor exportador ainda é pouco expressivo, atingindo cerca de US\$ 60 milhões/ano. Apesar desse cenário, observa-se no final do período 1998/2000 uma diminuição nas importações em função da desvalorização do real em relação ao dólar, gerando saldos positivos.

Mercado

Tabela 7

Exportações e Importações de Artefatos de Couro – 1998/2000

(Em US\$ Milhões)

ANO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	SALDO
1998	68,6	58,0	(10,6)
1999	44,3	60,3	16,0
2000	46,0	59,1	13,1

Fonte: Secex.

Segundo dados da RAIS-MTE, a maior parte das empresas desse segmento está localizada em São Paulo (31%), Rio Grande do Sul (23%), Minas Gerais (12%) e Rio de Janeiro (8%). No Nordeste os estados que mais se destacam são a Bahia (3%) e o Ceará (2%).

Distribuição Regional dos Produtores de Artefatos de Couro

O Setor Coureiro- Calçadista e o Meio Ambiente

Os curtumes são responsáveis por grande parte da geração de resíduos que afetam o meio ambiente, e o processo utilizado por cerca de 90% das indústrias que processam o couro é o curtimento mineral com sais de cromo, gerando resíduos com a presença desse metal que, segundo a norma brasileira NBR-10004, da ABNT, são classificados como *resíduos classe I – perigosos*, necessitando tratamento e disposição específica.

A Tabela 8 mostra que, em 2000, de acordo com estimativas da Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul (Aicsul), 95,5% do couro curtido no Brasil foram obtidos com a utilização de cromo, com um aumento de 10% desde o início da década de 90.

A serragem de couro curtido ao cromo, gerada na operação de rebaixamento, é um resíduo volumoso em forma de farelo impregnado de sais curtentes altamente tóxicos.

Para cada couro curtido ao cromo, gera-se de três a quatro quilogramas de serragem. Se for considerado o exemplo da produção brasileira de couro em 2000 (32,5 milhões), pode-se afirmar que foram geradas cerca de 125 toneladas de serragem, geralmente jogada em terrenos baldios, nas margens dos rios, em banhados, contaminando violentamente o meio ambiente. E, por ser um produto lentamente biodegradável, permanece ativo por muito tempo.

A cadeia produtiva de couro e calçados é o segmento industrial que define o produto interno bruto da região do Vale dos Sinos. Todavia, o setor detém o título de maior gerador de resíduos sólidos do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo dados da Fundação Estadual de Proteção Ambiental do Rio Grande do Sul (Fepam),

Tabela 8

Métodos de Curtimento de Couro Bovino – 1992/2000

ANO	PRODUÇÃO DE COUROS	AO CROMO	PARTICIPA- ÇÃO CROMO (%)	AO TANINO	PARTICIPA- ÇÃO TANINO (%)	OUTROS	PARTICIPA- ÇÃO OUTROS (%)
1992	23,00	19,55	85,02	3,25	14,11	0,20	0,87
1993	24,00	20,19	84,12	3,55	14,79	0,26	1,09
1994	26,00	22,68	87,22	3,01	11,59	0,31	1,19
1995	27,00	23,97	88,79	2,68	9,91	0,35	1,30
1996	28,50	25,10	88,07	2,80	9,81	0,60	2,12
1997	29,10	26,64	91,56	2,18	7,50	0,27	0,94
1998	30,20	28,13	93,13	1,87	6,19	0,21	0,68
1999	31,30	28,00	94,00	1,51	4,83	0,37	1,18
2000	32,50	31,01	95,43	1,10	3,39	0,38	1,18
Variação 1992/2000 (%)	41,30	58,60		(66,02)		91,77	

Fontes: CNPC, IBGE e Aicsul.

o setor é responsável por 86% dos resíduos sólidos industriais, classe I, gerados no estado. Em estudo realizado por Serrano, Reichert e Metz (2000), esses resíduos têm o seguinte destino: aterro particular (23%), centrais (15%), lixão particular (7%), estocagem (5%), reaproveitamento (3%), não informado (44%) e outros locais (3%).

De acordo com a Metroplan, órgão estadual de planejamento metropolitano e regional do Rio Grande do Sul, considerando-se os dados levantados por Hamester (1986), cada calçado gera, em média, 220 gramas de resíduos. Destes, 55% são retalhos de couro ao cromo, enquanto os demais são polímeros sintéticos e copolímeros de SBR, EVA e látex.

Outra pesquisa recente [Normann e Muller (2001)] mostrou claramente a ocorrência de metais pesados em tecidos de peixes no rio dos Sinos.

Apesar de existirem muitos problemas, cabe ressaltar que entidades como o Senai Calçados e o Senai Couro, em parceria com o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, além de empresas privadas, estão trabalhando em vários projetos com o objetivo de gerar novos materiais e tecnologias que venham contribuir para a diminuição dos resíduos líquidos e sólidos do setor.

De acordo com Serrano, Reichert e Metz (2000), muitos polímeros encontrados entre os resíduos são termoplásticos, materiais passíveis de reciclagem. Outros materiais poliméricos são termofixos, como as solas compactas, difíceis de serem reciclados. Entretanto, todos, independentemente de sua origem, podem tornar-se matérias-primas de novos produtos. Como exemplo, pode ser citada a aplicação da serragem do couro curtido ao cromo como carga em materiais cerâmicos.

Outro avanço verificado na indústria calçadista que contribui para a preservação do meio ambiente é a utilização de adesivos à base de água, em substituição aos adesivos à base de solvente. Segundo pesquisa da revista *Tecnocouro* (junho de 2001), cerca de 50 grandes empresas do setor calçadista estão implantando ou já implantaram esse novo sistema na produção de calçados.

Conforme se pode observar na Tabela 9, entre 1995 e o primeiro semestre de 2001 o Sistema BNDES desembolsou quase R\$ 600 milhões para o setor coureiro-calçadista, que teve um aumento de 113% entre 1999 e 2000. Atualmente, a carteira de financiamentos do BNDES conta com 211 operações com empresas desse setor.

Operações do Setor Coureiro-Calçadista com o BNDES

Tabela 9

Desembolsos do Sistema BNDES ao Setor de Couro, Calçados e Artefatos – 1995/2001

(Em R\$)

ANO	BNDES	FINAME	BNDESPAR	TOTAL
1995	38.347.475	15.659.080	–	54.006.555
1996	118.698.648	11.962.803	–	130.661.451
1997	101.927.085	12.460.160	–	114.387.245
1998	53.936.803	4.628.641	–	58.565.444
1999	37.537.688	6.886.949	–	44.424.637
2000	106.722.651	8.114.235	–	114.836.886
2001 ^a	63.983.511	6.253.691	–	70.237.202
Total	521.153.861	65.965.559	–	587.119.420

Fonte: Área de Planejamento do BNDES.

^aAté junho.

Perspectivas

De forma geral, o complexo coureiro-calçadista está otimista com relação às perspectivas dos setores que o compõem.

O setor calçadista espera que a sua produção física cresça, em média, 4% ao ano nos próximos seis anos. Para o mesmo período, as importações devem crescer à taxa média de 13%, as exportações 12%, os empregos 3% e os investimentos 13%, enquanto o consumo deverá ter um crescimento vegetativo, ou seja, menos de 1%.

O setor de curtume deverá apresentar um crescimento anual, em média, de 3% na produção de couros, as importações 13,5%, as exportações 6%, os empregos 6%, os investimentos 13% e o consumo 6%.

Como consequência, os setores de componentes e de máquinas e equipamentos para couro e calçados devem crescer a taxas bem próximas às projetadas tanto pelo setor de calçados quanto pelo setor de couros.

Considerações Finais

A estratégia de realocização da indústria calçadista no Nordeste foi motivada pela procura de mão-de-obra mais barata e incentivos dos governos estaduais, buscando, em alguns casos, aproximar fisicamente a produção do mercado externo, pois a pressão da concorrência obrigou o calçadista brasileiro, além de outras providências, a reduzir custos de produção e transporte. O Nordeste

possui uma vantagem no que diz respeito a esse aspecto, devido à sua localização privilegiada em relação aos Estados Unidos, nosso principal importador.

Como os governos locais se comprometem com a infraestrutura, as regiões de migração também experimentam aumento de renda decorrente da demanda do governo e da construção de unidades industriais.

Portanto, a migração das empresas de calçados do Sul e do Sudeste para o Nordeste mostra-se positiva. Os investimentos têm efeito multiplicador sobre a competitividade da cadeia de calçados, ao criar melhores condições de produção e difusão de tecnologias mais modernas.

Uma característica marcante nas exportações brasileiras de calçados é a forte concentração dos embarques para os Estados Unidos, que em 2000 adquiriram 61% do total de calçados exportados pelo Brasil. A Argentina é o segundo maior importador de calçados brasileiros, com participação de 12% em 2000. Essa característica torna a indústria brasileira de calçados muito vulnerável às flutuações econômicas, provocadas, por exemplo, pela atual crise da Argentina e pelo potencial desaquecimento na economia americana.

Nesse contexto, os calçadistas brasileiros devem procurar diversificar os mercados potencialmente importadores para não ficarem restritos a um grande cliente. É importante também a definição dos mercados nos quais vamos atuar, pois os calçados italianos têm marca e tradição, apesar de preços elevados, e o calçado chinês tem preço baixo. Todavia, a Itália está conseguindo baixar custos de produção, com a utilização de mão-de-obra do leste europeu, e a China está se aproximando da qualidade do calçado brasileiro.

Apesar de o setor calçadista brasileiro estar atualmente investindo para aumentar as exportações, a retomada do mercado internacional não se dá da noite para o dia. Para isso, o empresário brasileiro deve ter uma visão de médio e longo prazos, o que não acontece atualmente.

Quanto à promoção comercial, historicamente as exportações brasileiras de calçados, principalmente para os Estados Unidos – nosso maior comprador –, sempre foram feitas por atacadistas ou por agentes de exportação, que distribuem o produto no mercado doméstico americano. Esses intermediários são, em sua grande maioria, unidos e economicamente muito fortes, com grande poder nas negociações com pequenos e médios produtores locais. Desse modo, apesar de os nossos calçados de exportação levarem a marca *made in Brazil* (em alguns casos nem isso), eles não são identificados como produtos brasileiros, pois não levam o nome do fabricante e sim o do atacadista comprador, podendo ser substituídos facilmente

de acordo com a vontade do importador. É importante ressaltar que esse ponto traz grande fragilidade para o setor.

É fundamental, portanto, que haja união entre as empresas exportadoras no sentido de tornar a marca brasileira mais conhecida internacionalmente com a participação em feiras e outros eventos internacionais, pois a nossa presença nesses eventos ainda é muito pequena. Porém, cabe ressaltar que atualmente o setor está empenhado no sentido de aumentar a promoção comercial no exterior, auxiliado por projetos patrocinados pela Agência de Promoção de Exportações (Apex).⁴

Em relação ao setor coureiro, é importante que o pecuarista crie o gado dentro de padrões que possam oferecer ao consumidor final carne e couro de boa qualidade e assim obter um preço melhor para o seu produto. Nesse caso, o abate precoce é visto pelo setor de couro como positivo, pois oferece um couro mais limpo e maior conversão da alimentação do gado em carne.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é a agregação de valor ao produto, ou seja, os curtumes brasileiros devem incrementar a produção de couro acabado e também explorar os mercados de estofamento residencial e automotivo, que atualmente se encontram em expansão. Porém, esses mercados exigem couro de qualidade superior, extenso e com pouco ou nenhum defeito. Investimentos nesses setores gerariam mais empregos diretos e indiretos no Brasil e aumentariam os valores das exportações brasileiras de couro.

Apesar de algumas indústrias de componentes para couro e calçados se instalarem no Nordeste, devido à migração de empresas calçadistas para aquela região, esse movimento não se deu simultaneamente à migração das empresas calçadistas. Com isso, algumas grandes empresas fabricantes de calçados foram forçadas a integrar verticalmente a produção de alguns componentes em suas novas indústrias do Nordeste.

Assim, é importante que a indústria de componentes para couro e calçados acelere a sua ida para o Nordeste, a fim de atender com maior velocidade e eficiência e a custos competitivos os seus clientes.

O setor de máquinas para couro e calçados deve se atualizar tecnologicamente para não perder mercado para os principais produtores mundiais, principalmente os italianos. Esse mercado exige mão-de-obra especializada, essencialmente em automação industrial e operação de máquinas-ferramenta com controle numérico computadorizado.

A automação da indústria de artefatos de couro constitui um grande desafio à sua competitividade. Portanto, assim como o setor de máquinas, esse setor precisa se atualizar tecnologicamente.

⁴ A Apex, criada pelo governo federal em 1997 com o objetivo de apoiar as empresas de pequeno porte para que pudessem aumentar suas exportações, atua em parceria com o setor privado e os Sebrae estaduais, contando ainda com a colaboração direta da Câmara de Comércio Exterior (Camex) e a estreita coordenação dos Ministérios das Relações Exteriores e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Muitas medidas devem ser tomadas para que os setores aqui estudados possam contribuir para que o meio ambiente não seja agredido, como ocorre atualmente. Novas alternativas para o tratamento e o reaproveitamento dos dejetos dessas indústrias podem contribuir para que esse objetivo se concretize. Pode-se citar, como exemplo, a aplicação da serragem do couro curtido ao cromo como carga em materiais cerâmicos.

É importante ressaltar que o crescimento competitivo do complexo coureiro-calçadista requer uma forte parceria entre iniciativa privada, governo e trabalhadores. Para tanto, o governo federal, através do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, vem implementando o Fórum de Competitividade da Cadeia Produtiva de Couros e Calçados, com o objetivo de promover ações que melhorem a capacidade competitiva do setor produtivo e a integração entre empresários, trabalhadores, governo e Congresso Nacional, mediante debates que apontam soluções para os problemas da cadeia e estabelecem ações e metas, assim configurando uma política para o desenvolvimento do setor produtivo.

Anexo

Tabela A.1

Evolução do Mercado de Couro no Brasil – 1980/2000

ANO	PRODUÇÃO DE COURO CRU (I)	IMPORTAÇÃO DE COURO (II)	% DE I	PRODUÇÃO + IMPORTAÇÃO (III)	EXPORTAÇÃO DE COURO				TOTAL DA EXPORTAÇÃO (VI)	% DE III
					Wet-Blue (IV)	% de III	Crust e Acabado (V)	% de III		
1980	13.850.250	206.429	1,49	14.056.679	85.833	0,61	1.198.167	8,52	1.284.000	9,13
1981	13.788.650	779.158	5,65	14.567.808	459.333	3,15	1.274.667	8,75	1.734.000	11,90
1982	17.035.340	1.635.032	9,60	18.670.372	999.667	5,35	1.333.333	7,14	2.333.000	12,50
1983	16.325.000	1.726.207	10,57	18.051.207	1.666.667	9,23	2.332.333	12,92	3.999.000	22,15
1984	16.010.000	2.611.015	16,30	18.621.015	971.611	5,22	2.063.000	11,08	3.034.611	16,30
1985	17.330.000	1.712.643	9,88	19.042.643	1.276.333	6,70	1.983.833	10,42	3.260.166	17,12
1986	17.435.000	4.077.556	23,38	21.512.556	757.056	3,52	1.560.000	7,25	2.317.056	10,77
1987	16.893.000	2.673.024	15,82	19.566.024	797.056	4,07	2.611.667	13,35	3.408.723	17,42
1988	22.400.000	2.941.468	13,13	25.341.468	1.227.778	4,84	5.200.000	20,52	6.427.778	25,36
1989	23.000.000	3.347.404	14,55	26.347.404	2.503.778	9,50	2.600.167	9,87	5.103.945	19,37
1990	23.000.000	2.622.071	11,40	25.622.071	2.635.833	10,29	3.038.833	11,86	5.674.666	22,15
1991	23.500.000	1.860.650	7,92	25.360.650	2.464.040	9,72	2.663.886	10,50	5.127.926	20,22
1992	24.000.000	2.039.173	8,50	26.039.173	2.615.546	10,04	3.130.339	12,02	5.745.885	22,07
1993	24.500.000	2.831.255	11,55	27.331.255	2.671.417	9,77	3.640.101	13,32	6.311.518	23,09
1994	24.500.000	1.368.696	5,59	25.868.696	3.576.058	13,82	3.211.992	12,42	6.788.050	26,24
1995	27.000.000	1.800.000	6,67	28.800.000	6.101.534	21,19	2.836.916	9,85	8.938.450	31,04
1996	28.000.000	2.300.000	8,21	30.300.000	9.695.491	32,00	3.579.195	11,81	13.274.686	43,81
1997	29.000.000	3.000.000	10,34	32.000.000	10.616.700	33,18	3.818.185	11,93	14.434.885	45,11
1998	30.000.000	2.593.000	8,64	32.593.000	11.582.911	35,54	3.282.087	10,07	14.864.998	45,61
1999	30.000.000	2.500.000	8,33	32.500.000	10.326.520	31,77	4.211.099	12,96	14.537.619	44,73
2000	32.500.000	3.000.000	9,23	35.500.000	10.398.194	29,29	4.099.513	11,55	14.497.707	40,84
Total	470.067.240	47.624.781	10,13	517.692.021	83.429.356	16,12	59.669.313	11,53	143.098.669	27,642

Fonte: Secex.

Tabela A.2

Principais Empresas do Setor Coureiro-Calçadista Brasileiro – 1997/1999

ÍNDICES	ALPARGATAS (SP)			AZALÉIA (RS)		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Receita Operacional Líquida	n.d.	418.554	476.392	421.394	438.874	403.728
Lucro Líquido	n.d.	28.225	50.651	20.317	61.389	42.816
Ativo Total	n.d.	474.917	530.643	514.155	568.999	537.679
Dívidas Financeiras	n.d.	78.555	88.067	144.770	160.076	136.563
Patrimônio Líquido	n.d.	299.241	350.312	294.725	338.590	317.530
Necessidade de Capital de Giro	n.d.	46.608	103.828	190.407	155.518	172.968
Margem Líquida (%)	n.d.	6,74	10,63	4,82	13,99	10,61
Rentabilidade Patrimonial (%)	n.d.	9,43	14,46	10,67	18,13	13,48
	GRENDENE SOBRAL (CE)			BEIRA RIO (RS)		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Receita Operacional Líquida	273.674	297.634	347.860	160.937	n.d.	195.172
Lucro Líquido	19.885	20.307	27.938	11.532	n.d.	10.639
Ativo Total	228.524	259.135	333.513	86.082	n.d.	122.223
Dívidas Financeiras	97.240	44.445	78.828	n.d.	n.d.	2.795
Patrimônio Líquido	103.651	188.905	218.702	61.970	n.d.	98.671
Necessidade de Capital de Giro	85.948	92.350	117.423	44.379	n.d.	65.886
Margem Líquida (%)	7,27	6,82	8,03	7,17	n.d.	5,45
Rentabilidade Patrimonial (%)	19,18	10,75	12,77	18,61	n.d.	10,78
	PENALTY (SP)			DAKOTA NE (CE)		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Receita Operacional Líquida	100.450	93.233	94.740	41.232	60.789	62.603
Lucro Líquido	-6.358	-14.669	-17.993	3.805	9.667	7.783
Ativo Total	113.503	99.851	109.494	26.113	44.484	58.397
Dívidas Financeiras	34.258	33.367	51.549	5.447	10.126	12.945
Patrimônio Líquido	58.009	43.370	25.869	13.893	26.919	38.237
Necessidade de Capital de Giro	33.219	17.025	24.978	12.252	19.031	18.049
Margem Líquida (%)	-6,33	-15,73	-18,99	9,23	15,90	12,43
Rentabilidade Patrimonial (%)	-10,96	-33,82	-69,55	27,39	35,91	20,35
	ANDREZA (RS)			SAMELO (SP)		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Receita Operacional Líquida	34.888	33.030	55.715	n.d.	42.139	52.323
Lucro Líquido	1.584	2.330	5.817	n.d.	-5.669	-3.654
Ativo Total	18.463	20.117	28.219	n.d.	39.548	41.193
Dívidas Financeiras	6.909	5.789	9.187	n.d.	17.789	22.818
Patrimônio Líquido	9.797	11.521	13.869	n.d.	11.532	7.878
Necessidade de Capital de Giro	9.347	10.066	13.146	n.d.	9.450	15.555
Margem Líquida (%)	4,54	7,05	10,44	n.d.	-13,45	-6,98
Rentabilidade Patrimonial (%)	16,17	20,22	41,94	n.d.	-49,16	-46,38

Fonte: Gazeta Mercantil, *Balanço Anual*.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, José Eduardo Pessoa de, ALEXIM, Flávia Menna Barreto. *O caso da Azaléia Nordeste: uma experiência de benefícios sociais gerados em projetos privados*. Rio de Janeiro: BNDES, maio 2001 (Relato Setorial, 4).
- CORRÊA, Abidack Raposo, ANDRADE, José Eduardo Pessoa de. Panorama da indústria mundial de calçados, com ênfase na América Latina. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 95-126, mar. 2001.
- CRUZ, Hélio Nogueira da. *Alternativas e difusão tecnológica: o caso do setor de calçados no Brasil*. São Paulo: FEA/USP, 1976 (Tese de Doutorado).
- GAZETA MERCANTIL LATINO-AMERICANA, 14 a 20 de maio de 2001.
- GORINI, Ana Paula Fontenelle, SIQUEIRA, Sandra Helena Gomes de. Complexo coureiro-calçadista nacional: uma avaliação do Programa de Apoio do BNDES. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 95-134, mar. 1999.
- HAMESTER, P. R. Resíduos sólidos da indústria coureiro-calçadista. *Tecnocouro*, Novo Hamburgo, v. 8, n. 1, p. 34-44, 1986.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. *Diagnóstico da cadeia produtiva de couro e calçados*. Brasília, jun. 2001.
- NORMANN, Carlos Augusto Borba Meyer, MULLER, Jackson. Ocorrência de metais pesados em tecidos de peixes do rio dos Sinos. *Tecnocouro*, Porto Alegre, p. 43-46, abr. 2001.
- ONU/CEPAL. *La cadena de distribución y la competitividad de las exportaciones latinoamericanas: las exportaciones de calzado del Brasil*. 1991.
- REIS, Carlos Nelson dos. *A indústria brasileira de calçados: inserção internacional e dinâmica interna nos anos 80*. Campinas, 1994.
- SERRANO, Carmen Luisa Reis, REICHERT, Iara Krause, METZ, Lisiane Emília Grams. *Levantamento dos resíduos sólidos pela indústria calçadista*. Novo Hamburgo (RS), 2000.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TEIXEIRA, R. C., BASSEGIO, T. M., BERGMANN, C. P. *Caracterização química de resíduo sólido de curtume (serragem de couro ao cromo) e sua aplicação como carga em materiais cerâmicos*. Centro Tecnológico do Couro (Senai/RS). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- UNE, Maurício Yoshinori, PROCHNIK, Victor. *Desafios para a nova cadeia de calçados nordestina*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2000.